

Biblioteca Anarquista



# A Máscara da Anarquia

Percy Bisshe Shelley

Percy Bisshe Shelley  
A Máscara da Anarquia  
1832

<https://www.revistazunai.org/post/percy-b-shelley-por-lucas-zapparoli>  
Traduzido do inglês em verso rimado por Lucas Zapparoli de Agustini.

**bibliotecaanarquista.org**

1832

## A Máscara Da Anarquia

1.

Quando eu dormia na Itália  
veio uma voz do Mar que fala,  
e com grande poder adiante me vale a,  
na visão da Poesia, acompanhá-la.

2.

O Assassínio na rua encontrei –  
tinha a máscara de Castlereagh –  
parecia tranquilo, mas sombrio;  
sete cães de caça o seguiam:

3.

tão gordos; e tão bem estão  
nesta admirável situação,  
pois um a um, e dois a dois,  
dá-lhes nossos corações pra comer depois  
que de sua vasta capa os depôs.

4.

Logo veio o Engano, que tinha o  
traje, como Eldon, de arminho;  
suas lagrimonas, pois bem carpia, faziam-  
-se pedra de mó quando caíam.

5.

E as criancinhas, que em volta  
o pé pra lá e pra cá botam,  
crendo joia cada lágrima deles,  
tiveram os cérebros nocauteados por eles.

6.

Vestida com a Bíblia e com a  
luz, e as noturnas sombras,  
como Sidmouth, logo, a Hipocrisia  
montando um crocodilo ia.

7.  
E muito mais Destruições à vista  
nessa mascarada sinistra,  
até os olhos, disfarçados,  
como bispos, nobres, espias, advogados.

8.  
Por fim veio a Anarquia: montando  
cavalo branco, sangue respingando;  
pálida até os lábios se lhe visse,  
como a Morte no Apocalipse.

9.  
E uma coroa real trazia;  
e a seu alcance um cetro luzia;  
em sua testa esta marca enxerguei –  
‘SOU DEUS, REI, E A LEI!’

10.  
Num passo de altivez e destreza,  
passou sobre terras inglesas,  
calcando e em sangue atolando  
a multidão se espantando.

11.  
Em torno potente tropa vem, e  
em sua marcha o chão treme,  
espadas sangrentas sacodem,  
a serviço de seu Lorde.

12.  
E com triunfo glorioso, seguem  
pela Inglaterra orgulhosos e alegres,  
bêbados como em intoxicação  
do vinho da desolação.

13.  
Sobre campos e cidades, de mar a mar,

o Cortejo livre e ligeiro a passar,  
rasga acima, e calca abaixo; onde  
enfim chegam em Londres.

14.  
E cada cidadão, em pânico,  
sentia o terror no coração entrando  
e o choro tempestuoso ouvia  
do triunfo da Anarquia.

15.  
Pois com pompa a vê-la vieram logo,  
com armas como sangue e fogo,  
assassinos de aluguel, entoando seus  
'És Rei, e Lei, e Deus.

16.  
'Temos esperado, sós e ansiosos,  
por vossa vinda, Poderosos!  
Nossas espadas frias, vazios os bolsos,  
dai-nos glória, e sangue, e ouro.'

17.  
Juristas e pastores, massa turva,  
a fronte pálida à terra curva;  
como má oração não tão alta,  
'- Tu és Lei e Deus -' exaltam.

18.  
Daí foi uníssono o clamor,  
'És Rei, e Deus, e Senhor;  
Anarquia, a gente te adora,  
seja teu nome santificado agora!'

19.  
E Anarquia, o Esqueleto,  
curvou-se e riu-lhes a contento,  
bem como se sua educação

conhecida um oi na rua.

88.

'E os verdadeiros guerreiros, ariscos  
que em guerras abraçaram riscos  
virarão aos que queriam ser livres,  
com vergonha dos vis com quem convivem.

89.

'E esse massacre à Nação  
vai se condensar como inspiração,  
eloquente, oracular;  
vulcão distante a troar.

90.

'E tais termos se tornarão  
destruição estrondosa da Opressão  
rangendo em cada cérebro e coração,  
ouvida de novo – de novo – de novo – então

91.

'Ergam-se como Leões após a soneca  
em número que não se vença –  
lancem suas algemas à terra como o orvalho  
que no sono sobre vocês derrubaram –  
vocês são muitos – eles poucos.'

custasse dez milhões à nação.

20.

Pois sabia que os Palácios  
dos Reis eram seus de fato;  
seu cetro, coroa e globo,  
e o manto tecido de ouro.

21.

Aí enviou seus escravos à frente  
que o Banco e a Torre apreendem,  
e estava procedendo no intento  
de achar seu pensionista Parlamento.

22.

Quando uma fugiu, maníaca donzela,  
e seu nome era Esperança, disse ela:  
mas parecia mais Desespero,  
e ao ar lançou tal berreiro:

23.

'Meu pai Tempo é grisalho e fraco,  
de melhores dias no aguardo;  
veja como idiota ele para,  
com as mãos paralisadas se atrapalha!

24.

'Ele tem tido filho após filha,  
e na poeira da morte empilha  
cada um salvo eu só –  
Miséria, Miséria, oh!'

25.

Então ela se deitou na rua,  
ante as patas dos cavalos se punha,  
expectante, e com olhar paciente via  
Assassínio, Fraude e Anarquia.

26.  
Quando entre ela e os inimigos seus  
uma névoa, luz, imagem se ergueu,  
pequena de início, e fraca, frágil e  
tal como o vapor de um vale:
27.  
até que as nuvens explodem crescendo,  
gigantes coroados de torres correndo,  
e luzem com raios quando voam,  
e trovão sua fala ao céu reboa,
28.  
já Forma encouraçada – crescente,  
mais brilhante que a escama da serpente,  
se elevava em asas com textura  
como a luz de ensolarada chuva.
29.  
Em seu elmo, se ao longe se avistava,  
um planeta, tal a estrela d'alva;  
e essas plumas verteram sua luz enfim  
qual chuva de orvalho carmesim.
30.  
Passou suave como o vento passa indo  
pelas cabeças dos homens – tão rápido  
que de sua presença ali sabiam,  
e viam, – mas tudo era ar vazio.
31.  
Como flores ao andar de maio acordem,  
como estrelas do cabelo solto da Noite se sacodem,  
como ondas se erguem quando ventos fortes sopram,  
Ideias de cada pegada sua brotam.
- 32.

mão a mão, e pé a pé,  
árbitros da disputa, pois é,

82.  
'as velhas leis inglesas –  
já grisalhas reverendas cabeças,  
filhas de tempos de mais sapiência;  
e cuja voz solene há de  
ser teu próprio eco – Liberdade!

83.  
'Sobre os que primeiro violarem  
tais arautos sagrados paire  
o sangue que deve acontecer,  
e não paire sobre você.

84.  
'E se aí os tiranos se atrevem  
a ir entre vocês, deixá-los devem,  
rasgar, aleijar, decepar, fender,  
o que gostam, deixa-os fazer.

85.  
'Braços cruzados, no olhar firmeza,  
e pouco medo, e menos surpresa,  
vejam-lhes enquanto assassinam  
até que suas fúrias se extingam.

86.  
'Daí voltarão com vergonha  
ao lugar que os disponha,  
e vai falar o sangue que despejam  
no ardor rubor de suas bochechas.

87.  
'Apontar-lhes-ão as mulheres  
onde quer que estiverem –  
mal ousarão dar à sua

com um som ligeiro e horrendo,  
como de um mar que se solta,  
armada brasonaria às tropas.

76.

‘Deixa a artilharia pesada mover-  
-se até que o ar morto pareça viver  
com o estrondo de rodas troando,  
e o casco de cavalos trotando.

77.

‘Deixa brilhar a fixa baioneta  
com desejo intenso que umedeça  
em sangue inglês sua ponta luzida  
aflita como alguém por comida.

78.

‘Deixa rolar e luzir as cimitarras dos  
cavaleiros, como astros desesferados  
sedentos por eclipsar seu ardor  
num mar de morte e dor.

79.

‘Pare a gente calma e resoluta,  
como floresta cerrada e muda,  
braços cruzados e olhares que são  
de guerra não derrotada um canhão,

80.

‘e deixa o Pânico, que ultrapassa o  
passo de corcéis armados,  
passar; sombra ignorável  
por sua falange imperturbável.

81.

‘Deixa que em sua terra há leis,  
boas ou más, estão entre vocês

E a multidão prostrada a vê-los  
– e com sangue nos tornozelos,  
Esperança, a donzela mais serena,  
caminhava com atitude amena:

33.

e Anarquia, a origem hórrida,  
sobre a terra jazia terra morta;  
o Cavalos da Morte sem controle voa  
qual vento, e com os cascos mói à  
poeira os assassinos que atrás amontoa.

34.

Luz de nuvem e esplendor que afeta, um  
sentido que desperta e ainda é afeto  
foi ouvido e sentido – e no seu termo  
surgiram tais termos de alegria e medo

35.

como se sua própria indignada Terra  
que deu à luz os filhos da Inglaterra  
sentisse o sangue deles em suas cãs, e  
estremecendo com as dores de ser mãe

36.

toda gota de sangue tivesse a alterá-la,  
a qual sua própria face já orvalha,  
em um sotaque irresistido,–  
como se seu coração desse um grito:

37.

‘Ingleses, herdeiros da Glória,  
heróis de não escrita história,  
lactentes de uma Mãe potente,  
Esperanças dela, e de seus entes;

38.

‘Ergam-se como Leões após a soneca

em número que não se vença,  
lancem suas algemas à terra como o orvalho  
que no sono sobre vocês derrubaram –  
vocês são muitos – eles poucos.

39.  
'Que é Liberdade? – a vocês cabe  
dizer o que é escravidão, bem sabem –  
pois esse próprio nome cresceu  
virando um eco dos seus.

40.  
'É trabalhar e ter paga para  
manter só a vida diária  
em seus membros, como uma cela  
a tiranos fazerem uso dela,

41.  
'vocês lhes são apenas as  
espadas, e teares, e arados, e pás,  
com ou sem seu próprio arbítrio reles  
só pra defesa e sustento deles.

42.  
'É ver seus filhos mirrando  
com suas mães definhando, quando  
ventos frios de inverno estão soprando,–  
Tão morrendo enquanto estou contando.

43.  
'É ter fome por alimento  
enquanto o rico em esbanjamento  
atira aos cães gordos deitados  
sob sua vista fartos;

44.  
'é deixar o Fantasma do Ouro a  
levar mil vezes mais do Laboro a

69.  
'de antros da cotidiana labuta  
onde se trava a cotidiana luta  
com anseios e cuidados comuns que soem o  
coração humano semear com joio –

70.  
'enfim de palácios donde sai  
o eco do murmúrio de ais,  
como som distante ouvido  
de um vento em volta vivo

71.  
'desses halls de prisão de luxo e moda,  
onde uns poucos sentem dó da  
gente que geme, labuta e se lamuria  
como seus irmãos empalideceriam –

72.  
'vocês que sofrem aflições não ditas,  
ou sentem, ou fitam aflitas  
seu país perdido comprado vendido  
a preço de sangue e ouro reduzido –

73.  
'façam assembleia ampla  
e com solenidade tanta  
declarem em palavras medidas que vocês  
são livres como Deus os fez –

74.  
'sejam suas fortes e simples palavras  
agudas pra ferir igualafiadas espadas,  
que vastas como tarjas sejam,  
e com sua sombra os protejam.

75.  
'Deixa tiranos saírem vertendo

63.

‘Ciência, Poesia e Pensamento são  
tuas lâmpadas; tornam o quinhão  
de habitantes de um barracão  
sereno; não o amaldiçoam então.

64.

‘Espírito, Paciência, Gentileza,  
tudo que abençoa e embeleza  
és tu – que em atos, não palavras, vejam-  
-se tua extraordinária beleza.

65.

‘Que grande Assembleia se avive  
de destemidos e livres  
em solo inglês, em algum ponto  
que tenha as planícies em torno.

66.

‘Que o céu azul por cima,  
a terra verde em que se caminha,  
tudo que de eterno exista  
tal solenidade assista.

67.

‘Dos mais longínquos nichos  
dos pontos ingleses fronteiriços;  
de cada barraco, vila ou cidade que tenha  
alguém que viva e sofra e gema  
pela miséria alheia ou sua mesma,

68.

‘de asilo e prisões que há a ver esses  
pálidos tais recém-ressuscitados cadáveres,  
mulheres, crianças, velhos e jovens  
que gemam de dor, que de frio chorem –

substância que tanta jamais tomada fora  
nas tiranias de outrora.

45.

‘Papel-moeda – esse *fake*  
de escrituras de bens, e que  
vocês tenham algo do valor  
que a herança da Terra dispor.

46.

‘É ser escravo n’alma de sorte  
a não ter controle forte  
sobre o que se quer, mas ser  
tudo que quiserem de você.

47.

‘E quando reclamarem então  
com um murmúrio fraco e vão  
é pra ver a tropa tirana  
cavalgar sobre vocês e suas damas  
sangue igual orvalho na grama.

48.

‘Então é sentir vingança  
fera sedenta por barganha  
de sangue por sangue – e engodo a engodo –  
Ao serem fortes, não ajam desse modo.

49.

‘Repousam passarinhos, em exíguos ninhos  
exaustos de alados caminhos;  
bestas se alimentam, se a toca adentram  
e há no ar neve e tormenta.

50.

‘Asnos, suínos, porqueira alastram  
e comida digna se lhes pastam;  
toda coisa tem casa, exceto uma –

tu, oh, inglês, não tem nenhuma!

51.

‘Isso é Escravidão – homens selvagens,  
bestas feras em tocas não fazem  
suportar como vocês suportam –  
mas tais males nunca os tocam.

52.

‘Que és tu Liberdade? Ó! a tal pergunta  
pudessem responder escravos de sua tumba  
vivente – tiranos fugiriam como  
as figuras obscuras do sonho:

53.

‘não és, como impostores falaram,  
uma sombra que breve passara,  
uma superstição, nome que brama  
ecoando da caverna da Fama.

54.

‘Ao trabalhador pão és,  
e uma mesa decente eis  
que sua labuta diária dá  
em limpo e feliz lar.

55.

‘És vestes, calor, e grude  
à pisoteada multitude –  
não – em terra que livre seja  
tal miséria não esteja  
como a que a Inglaterra veja.

56.

‘Ao rico és estorvo  
quando seu pé está no pescoço  
de sua vítima, tu pões sob a

sua pegada uma cobra.

57.

‘Tu és Justiça – a ouro jamais  
sejam tuas justas leis vendidas tais  
as leis na Inglaterra – igual, tu  
proteges o baixo e o alto.

58.

‘És Sensatez – nunca seres Livres  
sonharão que Deus lhes privem  
por achar tais coisas inverdades  
das quais pastores tanto ladrem.

59.

‘Tu és Paz – jamais por ti a  
riqueza ou o sangue se desperdiçaria  
como tiranos desperdiçam, e se aliam a  
extinguir tua chama na Gália.

60.

‘E se suor e sangue inglês fluiu  
à toa, mesmo igual dilúvio?  
Isto servido, Oh, Liberdade, tem  
pra te ofuscar, não te extinguir, porém.

61.

‘Tu és Amor – teus pés o rico  
beijou, e como aquele seguindo Cristo,  
seus recursos ao livre distribuiu  
e pelo mundo-cão te seguiu,

62.

‘ou fez de seu ouro armas, e impusera  
guerra por teu bem contra guerra,  
e ouro, e fraude – de onde  
sacam poder que à presa corresponde.